

Fishlow: Real corre riscos se recursos das privatizações não abaterem dívida

Economista defende redução do déficit público e teme repetição do Cruzado

O GLOBO

21 MAR 1998

Geraldo Magella

• SÃO PAULO. O Plano Real corre sérios riscos se o Governo não usar os recursos arrecadados com as privatizações para saldar dívidas federais, segundo o economista americano Albert Fishlow, que ontem participou, em São Paulo, de um seminário sobre as novas perspectivas para o Brasil depois da crise asiática. De acordo com Fishlow, qualquer medida tomada pelo Governo que não resulte na diminuição dos déficits público e fiscal representa uma tendência de retorno da inflação no país.

— Os recursos da privatização de uma estatal só entram uma vez. Se o Governo gastar esse dinheiro como parte do seu Orçamento, em vez de abater suas dívidas, a situação só piora, pois ele estará criando uma base insustentável de geração de recursos — afirmou.

Segundo Fishlow, sua preocupação está no fato de 1998 ser um ano eleitoral. Ele alerta para os riscos de se repetir o que aconteceu em 1986 com o Plano Cruzado, quando o Governo da época resolveu adiar medidas para controlar o déficit — que era menor que o atual — e mais tarde não conseguiu segurar a inflação.

Para Loyola, queda de juros é arma contra capital volátil

O economista americano — que foi orientador da tese de doutorado do ministro da Fazenda, Pedro Malan (Fazenda), na Universidade de Berkeley, na Califórnia — acredita que o presidente Fernando Henrique Cardoso não se esquivará de tomar as medidas necessárias para a manutenção do Plano Real:

— Ao aumentar os juros e os impostos e cortar despesas do Estado logo depois da crise asiática, no ano passado, o presiden-

te Fernando Henrique deu uma demonstração de que está mais interessado em manter o Real que a sua própria reeleição.

Na opinião de Fishlow, o Brasil tem de dar prioridade ao crescimento da poupança interna, que tem de crescer a uma taxa média de 20% ao ano. Diferentemente do passado, quando o Governo foi o responsável pelo investimento na infra-estrutura do país, dessa vez esse papel deve ser assumido pela iniciativa privada. Com mais recursos domésticos disponíveis, afirmou, o país dependerá cada vez menos do capital estrangeiro. A idéia de Fishlow foi apoiada pelo ex-presidente do Banco Central Gustavo Loyola, que defendeu a queda imediata nas taxas de juros como forma de limitar a ação do capital especulativo:

— O melhor e mais barato de estímulo à entrada de capital especulativo no país é a redução dos juros — disse Loyola. ■